

## APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID- 19: REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Raquel Leão de Bastos<sup>1</sup>

Airton Cosmo de Souza<sup>2</sup>

Natália Vieira da Silva<sup>3</sup>

Virna Rodrigues dourado<sup>4</sup>

Zildene Francisca Pereira<sup>5</sup>

### RESUMO

Este artigo faz parte dos momentos de estudos na disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil II, no curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande e tem como objetivo central: refletir a aprendizagem da docência na Educação Infantil, a partir de diferentes aprendizagens em tempos de pandemia. As reflexões estão pautadas em autores que tratam tanto da formação de professores, enquanto aprendizagem da docência, quanto aqueles que nos apontam meios para pensarmos o novo modelo de ensino, a partir do momento pandêmico em que nos encontramos, devido a Covid-19. Deparamo-nos com diversas realidades que nos impactam com relação ao ensino, as relações entre professores e alunos, bem como o processo de ensino-aprendizagem e com relação à criança, realizamos uma breve reflexão sobre o momento de aulas remotas e as dificuldades encontradas para que essas aulas sejam efetivadas. Por fim, apontamos que o encontro, mesmo que de forma virtual é o que tem nos feito pensar a escola enquanto um lugar de acolhimento.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Formação de Professores, Ensino remoto.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB.  
Email: raquel.leao@estudante.ufcg.edu.br

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB.  
Email: airtonpierre68@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB.  
Email: natalia.vieira2020@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB.  
Email: virnadourado@outlook.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Campina Grande-UFCEG, campus Cajazeiras/PB.  
Email: zildene.francisca@professor.ufcg.edu.br

A partir das diversas leituras realizadas na disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil II, no Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras/PB, foi possível percebermos os diversos desafios enfrentados na prática educativa de professores de diferentes instâncias e como se não bastasse, ainda, vivenciaram uma crise sanitária decorrente de uma pandemia da Covid-19 que fez com que os projetos de ensino fossem modificados de acordo com as condições do momento, se adaptando a um novo sistema remoto de ensino com uma série de provocações.

Podemos enfatizar que um dos papéis do educador é incentivar um ensino, a partir de várias significações, ou seja, ele estimula e desperta a curiosidade da criança em aprender, não de forma ingênua ou neutra, mas direcionado ao entendimento de que a criança precisa conhecer algo a mais do que a sua comunidade pode lhe proporcionar e a escola é o local apropriado para essa construção de novos conhecimentos.

O desejo de aprender está relacionado a diversos aspectos como nos aponta o texto *O Sentido Dramático da Aprendizagem*, de Madalena Freire (1992, p. 11) quando diz: “Um dos sintomas de estar vivo é a capacidade de desejar, e de nos apaixonar, amar e odiar, destruir e construir”. Nesse sentido, como futuros pedagogos pensamos que o desejo de ensinar é fundamental, pois ao transmitir conhecimento ao outro, devemos levar em consideração as diferentes realidades dos nossos educandos, suas leituras de mundo e o que cada um já traz consigo de aprendizagens diversificadas. Assim “[...] para estar vivo, não basta coração batendo, para ver não basta estar de olhos abertos” (Freire, 1992, p. 11).

Madalena Freire (1992) nos faz refletir sobre os nossos sentidos e o quanto se faz necessário e significativo à utilização desses de forma que vá além do que eles já nos apresentem como de costume. Entretanto, usufruir intensamente dos nossos sentidos de forma que nos desperte o desejo de ir cada vez mais adiante e que possamos enxergar uma nova visão do mundo de maneira empática, é algo essencial. “Estar vivo é estar em conflito permanentemente, produzindo dúvidas, certezas sempre questionáveis” (p. 13). Não nos basta apenas aceitar o que nos é proposto, pois somos seres humanos e somos contínuos, para que haja mudanças cabe a nós mesmos transformar, nos questionar para despertar essa curiosidade de transformação é indispensável, tal como o desejo pela

mudança. Assim, é preciso coragem para correr atrás de uma educação que temos consciência de que ela se faz eficaz e relevante na vida de professores e alunos.

Com a leitura do texto percebemos que para ver não nos basta apenas estar de olhos abertos, mas sim ficar atentos uns aos outros, observando e buscando significado dos desejos, assim como também procurando acompanhar o ritmo de cada um, pois cada ser possui seu próprio tempo de desenvolvimento. O olhar se torna algo essencial já que através dele é lançado o desejo do educador e é também visualizado os desejos dos outros. O “ver”, o “escutar” (FREIRE, 1992) não se refere, apenas, em ter ouvidos, mas em ouvir e entender a opinião do outro, por mais que se iguale ou não a nossa realidade, devemos compreender o desejo de aprender do educando através da sua forma de se expressar que nem sempre é agradável aos olhos do ambiente escolar. Quando se trata do “falar” o texto mostra que é preciso um desejo para se comunicar, já que todo desejo pede uma comunicação com o outro. Dessa forma, a fala também é algo significativo e com ela é possível passar conhecimento assim como adquirir novos conhecimentos com os educandos.

Diante das diversas realidades que vamos nos deparar em salas de aula, como futuros educadores, sabemos que é importante uma formação que nos prepare para os mais diversos desafios. Desse modo, esse texto foi construído levando em consideração o seguinte objetivo: refletir a aprendizagem da docência na Educação Infantil, a partir de diferentes aprendizagens em tempos de pandemia. Consideramos para a escrita do artigo autores que foram trabalhados durante o semestre e que nos propomos à realização de reflexões mais aprofundadas acerca do que este momento pandêmico tem nos provocado enquanto estudantes de Pedagogia.

## **1. EDUCAÇÃO INFANTIL E NOVAS APRENDIZAGENS EM TEMPOS DE ADVERSIDADES**

Esse momento de Pandemia não está sendo fácil para ninguém, cada um tem suas dificuldades, medos e angústias. Sobreviver se tornou ainda mais difícil, com o desemprego, comércios sendo fechados, inflação alta, descaso absurdo do governo e esse vírus mortal que tem ceifado a vida de tantas pessoas próximas e distantes. Com tudo isso, nos resta aprender a sermos solidários, pensar no cuidado necessário consigo próprio e com o outro.

Mediante as leituras realizadas vimos que a educação de modo geral também sofre com tudo isso para adaptar-se aos meios tecnológicos; a necessidade de manter o contato com a criança para não perder o vínculo e a própria formação do professor que de certo modo não está pautado nessas aprendizagens de ensino remoto. A educação remota tem sido uma saída para educação e para o ensino infantil tem sido um grande desafio, assim como para os outros níveis educacionais, sem mencionar aquelas que não têm acesso, que não tem os aparelhos tecnológicos que possibilite esse contato virtual (celulares, computadores, tablets), bem como um ambiente favorável a aprendizagem escolar.

O texto “O ano que não tem fim” traz vários casos de crianças que não tem condições financeiras para comprar um smartphone ou terem acesso à internet, neste sentido é pensado, como essas crianças poderão ser educadas nesse momento em que estamos passando? Como elas terão acesso às atividades trabalhadas de modo que favoreça sua aprendizagem. Assim,

A pandemia exige que sejamos solidários e que a vida do outro, mais do que nunca, depende das nossas ações [...] é preciso olhar e cuidar das pessoas, pensar e agir na coletividade, mesmo à distância. É tempo de luta! Luta por tantos que sofrem com as desigualdades sociais, as injustiças, o racismo, a homofobia, o feminicídio e tantas outras formas de exclusão e violência que continuam e atingem meninos e meninas. (SANTOS e SARAIVA, 2020, p. 1179).

Mesmo alunos universitários, tendo acesso a uma internet um pouco melhor, possuindo computador e celular em casa, ainda assim, enfrentam dificuldades com esse método de ensino online, que dirá essas crianças que conseguem ter esse contato virtual, mas, que estão confinadas em suas casas, que necessitam de um responsável para ajudar na hora das aulas via internet, são muitas as dificuldades a serem enfrentadas cotidianamente. E para os alunos que não possuem nenhum meio de comunicação virtual a saída foi a impressão das atividades e a entrega ser de forma presencial mediante agendamento. Dessa forma,

É necessário lembrar que as crianças são sujeitos sociais e culturais que agem, reagem e sofrem os impactos da realidade social. A partir da sua realidade e das relações estabelecidas com adultos/as e outras crianças, produzem cultura e interpretam os acontecimentos. Sendo

assim, torna-se importante entender como as crianças estão experienciando e elaborando esse processo de isolamento social. (SANTOS e SARAIVA, 2020, p. 1179).

Essa nova realidade traz diversos problemas, um deles seria o fato das escolas estarem fechadas, gerando uma permanência maior das crianças em seus lares. No caso de crianças e jovens que sofrem com agressões por parte de seus familiares, acabam se tornando mais vulneráveis e propícios a sofrerem maus tratos, já que o lugar em que esses sujeitos poderiam ter acesso ajuda e a um profissional capacitado para perceber e saber agir nesses casos, agora está fechado e inacessível. Vimos que

As crianças, acostumadas a passar boa parte do seu tempo nas creches, pré-escolas e escolas, agora estão exclusivamente no ambiente doméstico ou nas ruas, dependendo do contexto social em que vive, e nem sempre, esses espaços oferecem cuidado e proteção. (SANTOS e SARAIVA, 2020, p. 1179).

SILVEIRA (2021) na sua pesquisa sobre “O teletrabalho coletivo durante a pandemia da covid-19: um relato de experiência na educação infantil de Florianópolis”, vai defender que os sistemas de educação tiveram que mudar seus métodos de ensino, isto é, passou de aulas presenciais, para aulas remotas. O ensino remoto trouxe muitos desafios, tanto para os professores, pois durante a formação acadêmica, não tiveram nenhuma grade curricular vinculadas as tecnologias, quanto para os alunos, pois uma boa parte deles, não tem acesso a internet e nem aos meios tecnológicos. Dessa forma, muitos educadores sofreram impactos nesse processo de adaptação as tecnologias, isto é, passaram a refletir suas práticas pedagógicas, para uma melhor atuação em sala de aula. Podemos afirmar que

[...] uma nova dinâmica de trabalho que envolve a apropriação tecnológica por parte dos professores, como um pressuposto para a prática pedagógica, pode gerar problemas se considerarmos que boa parte dessas profissionais, embora utilize as tecnologias cotidianamente, não contou com formação apropriada, seja no âmbito das licenciaturas ou mesmo na formação continuada<sup>2</sup>, para o seu uso didático ou para uma integração curricular desses meios à sua prática pedagógica. (SILVEIRA, 2021, p. 318).

Os alunos que se encontram em situação vulnerabilidade, acaba sofrendo impactos com esse novo ensino. Algumas escolas tiveram que se reinventar, isto é,

criando plataformas digitais, para a comunicação entre professores, alunos e pais. Como a Prefeitura de Florianópolis, que criou um portal de comunicação, onde estabelece esse contato entre as famílias e crianças. Esse canal proporcionou a ampliação de linguagens, brincadeiras e interações. Dessa forma, o canal tem a perspectiva de ampliar a comunicação coletiva entre todas as famílias, professores e crianças. A grande dificuldade continua sendo em relação aos educandos que não possuem acesso a esse mundo digital, mas mesmo diante das dificuldades os educadores imprimem as notícias e entregam a todos.

[...] o planejamento da Educação Infantil deve assumir como centralidade as ações comunicativas com as famílias e suas crianças, e para tal, nesse momento inicial, propôs-se como principal referência a divulgação do Portal Educacional da PMF8, uma vez que esse canal apresentava conteúdos que se constituem em possibilidades de ampliação das linguagens, assim como a brincadeira e as interações (SILVEIRA, 2021, p. 321-322).

Os trabalhos desenvolvidos pelos docentes, de forma coletiva, proporcionou várias experiências positivas, no qual, todos os profissionais participaram, dando suas contribuições, na produção de novas habilidades pedagógicas. Dessa maneira, esses diversos olhares, dialogaram e produziram saberes, que ajudaram aqueles educadores que não desprovia de nenhum conhecimento sobre as tecnologias, colaborando para uma formação continuada. Assim,

As produções desenvolvidas nessa perspectiva de trabalho coletivo tinham como pontos positivos a própria necessidade de pautarmos nossas práticas pedagógicas de forma coletiva, ou seja, compreendendo a participação de todas as pessoas/profissionais em torno de um objetivo comum, superando, de certa forma, uma fragmentação e isolamento de práticas, marcadas pelas próprias características impostas, de certa forma, pela rotina na educação infantil. (SILVEIRA, 2021, p. 327).

Uma das grandes dificuldades do ensino remoto para este momento de pandemia é a fragilidade na formação do professor, que não foi pensada para a vivência de um mundo virtual, mas sim presencial, a parceria com as famílias, especificamente para os anos iniciais, tornaram-se essenciais para o seu funcionamento. Em Florianópolis, nas reuniões dos encontros pedagógicos, perceberam esses diferentes olhares e habilidades dos educadores e através desse entendimento realizaram as adequações necessárias ao

ensino remoto. Esse artigo nos deu suporte para pensarmos, também, a realidade em que estamos imersos na Paraíba que não fica tão diferente das experiências vivenciadas no Sul e Sudeste do País.

Mesmo que todos os profissionais tenham uma mesma formação, é preciso levar em consideração o desenvolvimento de cada um, ou seja, com a leitura do texto *Como me fiz Professora*, mesmo que se tenha uma formação teoricamente completa e igual para todos é preciso levar em conta a subjetividade dos sujeitos, pois como diz Fátima de Jesus (2000, p.25), “[...] os cursos são os mesmos, padronizados, seguindo modelos homogeneizadores”, não se pode acreditar que todos os profissionais atingirão os mesmos objetivos é preciso entender que cada profissional é um mundo, com habilidades e olhares diferenciados e por isso, por mais que se tenha uma formação, cada um terá um entendimento de mundo e cada um possuirá seu caminho para se formar professor. Assim,

O “ser professora” não aparece nas vidas das professoras de forma naturalizada. Desmistificar o discurso de que para ser professora é preciso nascer com um “dom”, “ter vocação” é um importante ponto de partida para percebermos o quão complexa é esta profissão, os caminhos que envolvem a opção inicial ou não pelo magistério e a identificação com a profissão. (FÁTIMA DE JESUS, 2000, p. 24).

Nesse sentido, percebemos o quanto é importante que a formação docente leve em consideração as questões individuais dos profissionais em educação, ou seja, que valorize sua relação com o meio social, cultural, político etc., ao qual estão inseridos. Há também no texto uma discussão a respeito de como devemos perceber os caminhos e atalhos diferentes para se formar professor, pois

[...] a formação e a construção de identidade docente percorrem tantos caminhos e atalhos diferenciados, mostrando a complexidade, os múltiplos fios com os quais se tecem essas identidades. (FÁTIMA DE JESUS, 2000, p.29).

Cada professor tem sua história de vida, tem seus caminhos trilhados para a escolha de ser professor, em muitos casos nem são eles quem escolhem essa profissão, mas seu caminho e vivência os levam para tal. Outros já possuem essa escolha bem definida em seu projeto de vida, mas independente de como se torna professor, é preciso entender que esta é uma profissão que está em constante transformação, os saberes são

inesgotáveis e é preciso estar sempre em aperfeiçoamento. Esse momento remoto vem mostrar o quanto é necessário aos professores os processos formativos para a construção de novas habilidades, novas aprendizagens.

A vivência no ensino remoto tem sido diferenciada, pois todos possuem diferentes realidades e vivências, concentrar-se tornou ainda mais difícil, a desmotivação aparece todos os dias, vontade de desistir, não tem sido fácil participar dos debates, das discussões, ao contrário, essa modalidade tem inibido a participação de alguns participantes, por diversos motivos de sua realidade, a tela tem cansado muito a visão, a saudade de ter contato presencial com os colegas tem sido também um grande desafio, o medo do amanhã, as incertezas, todos esses aspectos tem causado inúmeras frustrações em alunos dos mais diferentes segmentos. Tudo isso são fatores negativos que dificultam o aprendizado sistematizado, pois cada dia é uma batalha a vencer, na esperança de um futuro melhor.

A experiência das aulas remotas está sendo muito desafiadora para a grande maioria dos educandos, pois a cada dia se torna mais cansativo, ficar em frente das telas virtuais. Dessa maneira, surge à desmotivação de participar criticamente nas aulas, o acúmulo de textos para leitura chega a ser estressante. A saudade da convivência tem sido um ponto em comum no nesse ensino, esse conviver com os colegas e professores, torna a rotina mais agradável.

O acesso às plataformas distintas também nos confundem, o estresse e a pressão psicológica, fez com que alguns alunos se tornassem dependentes de remédios para poder dormir, situação triste e angustiante e para as crianças é possível afirmarmos que

Brincar é um tema imprescindível quando o assunto é a Educação Infantil. Isto se deve, sem dúvida, ao reconhecimento da importância dessa linguagem na vida das crianças e ao papel que lhe vem sendo atribuído no contexto educacional [...]. (MARQUES; FERNANDES; SILVA, 2019, p. 02).

O ensino remoto, nessa pandemia, tem sido algo preocupante em que as vantagens são poucas, resumidas em aulas assíncronas e síncronas e a questão de assistir a aula em casa. A separação das aulas permite mais tempo para a realização das atividades solicitadas. E assistir as aulas em casa, facilita bem mais o acesso. Entretanto também existem as questões que dificultam esse processo, lembrando que os problemas pessoais também interferem, sendo assim dificuldade de concentração está sempre

presente, o não acesso a uma internet de boa qualidade acaba desmotivando, a falta de estar presente com todos os amigos e professores torna a dificuldade de interagir ainda maior, assim como também nos deparamos com alguns professores que também têm dificuldades com esse ensino remoto e acabam sobrecarregando a gente com muitos conteúdos e às vezes não trabalhando esses conteúdos conosco, embora também existam professores que são bastante compreensivos e trabalham com os seus alunos de maneira eficaz.

Mas para uma minoria o ensino remoto tem sido um desafio muito satisfatório, pois poder estudar em casa tem sido cômodo, devido à disponibilidade e flexibilidade nos horários, podendo conciliar com seu trabalho e sua vida pessoal. Assim, para esses alunos, as plataformas têm sido uma ferramenta muito eficaz no processo de ensino e aprendizagem, pois tem tudo o que a disciplina pretende como objetivos e atividades, e quando não utilizadas pelo professor, deixam alguns alunos perdidos e desmotivados, pois acabam priorizando a comunicação exclusivamente via WhatsApp de forma desordenada. Mesmo, esses alunos que se sentem beneficiados com o ensino remoto, o distanciamento social também é visto como um ponto negativo, a falta da afetividade dos colegas e as conversas informais, mas diante de todos os aspectos negativos, o mais impactante tem sido o negacionismo com a doença e a ciência que o Brasil tem vivenciado diariamente e isso tem sido assustador. Contudo, mediante toda essa problemática que temos enfrentado, é possível afirmarmos que escolas e universidades tem feito o melhor que podem para não desvincular alunos que esperam na educação uma melhoria de vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse momento pandêmico o processo educacional precisa de relações baseadas nas questões fraternais e humanizadas, pois muitos educandos por questões de desigualdades sociais, de acessibilidade ao mundo digital estão excluídos. Esse modelo remoto pegou a todos de surpresa, muitos professores também foram impactados com essa modalidade de ensino, por não possuírem habilidades digitais e não ter tempo suficiente para uma formação direcionada às tecnologias. Enfim, as questões já existentes das desigualdades, apenas foram acentuadas de formas mais explícitas nessa

crise sanitária mundial, causando transtorno na vida de todas as pessoas, embora umas mais que outras.

Por fim, podemos dizer que, embora esse momento de aulas remotas tenham sido cansativas foram, também, uma saída para mantermos o vínculo, abrirmos possibilidades para novas aprendizagens, bem como para não ficarmos tão solitários em nosso mundo particular. E para as crianças da Educação Infantil uma maneira de encontro com seus amigos e professores, mesmo que rapidamente em aulas pontuais.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Madalena. O sentido dramático da aprendizagem. In: GROSSI, Esther P. BORDIN (orgs.) Paixão de Aprender. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

JESUS, Regina de Fátima de. **Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora.** In.: Como me fiz professora. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MARQUES, Circe Mara; FERNANDES, Susana Beatriz; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O brincar nos discursos de estudantes de Pedagogia: certezas em suspenso.** Pro-Posições | Campinas, SP, V. 30, e20160136, 2019.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. **O ano que não tem fim:** as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1177>

SILVEIRA, Juliano. **O teletrabalho coletivo durante a pandemia da Covid-19:** um relato de experiência na educação infantil de Florianópolis. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 316-332, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e76802>